

A singularidade das *Investigações*  
*filosóficas* de Wittgenstein



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

JOSÉ TADEU JORGE

Coordenador Geral da Universidade

ALVARO PENTEADO CRÓSTA

EDITORIA  
UNICAMP

Conselho Editorial

Presidente

EDUARDO GUIMARÃES

ELINTON ADAMI CHAIM – ESDRAS RODRIGUES SILVA

GUITA GRIN DEBERT – JULIO CESAR HADLER NETO

LUIZ FRANCISCO DIAS – MARCO AURÉLIO CREMASCO

RICARDO ANTUNES – SEDI HIRANO

JOÃO JOSÉ R. L. DE ALMEIDA

**A SINGULARIDADE DAS *INVESTIGAÇÕES*  
*FILOSÓFICAS* DE WITTGENSTEIN  
*FISIOGNOMIA DO TEXTO***

**E D I T O R A U N I C A M P**

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO  
Bibliotecária: Helena Joana Flipsen – CRB-8ª / 5283

---

AL64s Almeida, João José Rodrigues de Lima, 1960-  
A singularidade das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein: fisiognomia do texto / João José R. L. de Almeida. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951. 2. Expressão (Filosofia). 3. Gramática comparada e geral. 4. Fisiognomia. I. Título.

CDD - 149.94

- 415

- 138

ISBN 978-85-268-1294-9

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Wittgenstein, Ludwig, 1889-1951	149.94
2. Expressão (Filosofia)	149.94
3. Gramática comparada e geral	415
4. Fisiognomia	138

Copyright © by João José R. L. de Almeida

Copyright © 2015 by Editora da Unicamp

Direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,  
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.

Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp

Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp

CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil

Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728

www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

*Para Lucía, Maria & Natália.*



# SUMÁRIO

ABREVIATURAS UTILIZADAS PARA AS OBRAS DE WITTGENSTEIN.....	9
APRESENTAÇÃO .....	11
INTRODUÇÃO .....	17
1. ESTILO E DESENTENDIMENTO .....	53
2. HIPÓTESES DE TRABALHO .....	69
3. UMA LEITURA ARQUEOLÓGICA .....	81
4. UMA LEITURA SECA.....	89
5. A OBRIGATORIEDADE DO CONTEXTO .....	101
5.1 Variações sobre um tema dado .....	106
5.2 Dialogismo polifônico .....	112
5.3 O prefácio das IF.....	116
6. AS IF E O <i>NACHLASS</i> .....	123
7. O <i>CORPUS</i> LITERÁRIO E OS DADOS BIOGRÁFICOS .....	145
8. SEIS WITTGENSTEINS .....	157
8.1 Uma forma de filosofia da matemática .....	161

8.2 Uma filosofia positiva.....	163
8.3 Uma espécie de ceticismo .....	165
8.4 Um tipo moderno de quietismo.....	172
8.5 Uma filosofia terapêutica .....	184
8.6 Uma antifilosofia .....	196
9. ESTILO E FORMA, AUTOR E LEITOR.....	209
9.1 O estilo em Wittgenstein .....	218
9.2 Do estilo ao reconhecimento .....	222
9.3 Do reconhecimento à incompletude .....	237
ANEXO .....	243
BIBLIOGRAFIA .....	249

## ABREVIATURAS UTILIZADAS PARA AS OBRAS DE WITTGENSTEIN<sup>1</sup>

AC	<i>Anotações sobre as cores</i> (2009b)
AWL	<i>Wittgenstein's lectures. Cambridge, 1932-1935</i> (1979)
BB	<i>The blue and brown books</i> (1969c)
BM I	<i>Bemerkungen I</i> – TS 228 (2000)
BM II	<i>Bemerkungen II</i> – TS 230 (2000)
BT	<i>The big typescript</i> (2005)
CV	<i>Culture e value</i> (1998)
D	Ditado
IF	<i>Investigações filosóficas</i> (2009)
LC	<i>Lectures and conversations on aesthetics, psychology and religious belief</i> (1967)
LPP	<i>Wittgenstein's lectures on the philosophy of psychology</i> (1988)
LWPP I	<i>Last writings on the philosophy of psychology I</i> (1982)

---

<sup>1</sup> As abreviaturas das obras de Wittgenstein seguem as letras iniciais dos títulos dos livros publicados tal como constam na bibliografia. A única exceção é o conjunto denominado *Investigações filosóficas*, foco central de nosso livro, abreviado como IF. Os textos não publicados na forma de livro que fazem parte do espólio literário (*Nachlass*) aparecem abreviados aqui pelos nomes como são tradicionalmente conhecidos: BM para *Bemerkungen*; MS para *Manuscripts*; TS para *Typescripts*. O espólio literário foi publicado numa coleção de seis CDs (Wittgenstein, 2001a) pela Oxford University Press e pelos Wittgenstein Archives da Universidade de Bergen, conhecida como a Bergen Electronic Edition (BEE).

- LWPP II *Last writings on the philosophy of psychology* II (1992)  
MS *Manuscritos do Nachlass* (2000)  
OC *On certainty* (1974b)  
ORD *Observações sobre “O Ramo Dourado” de Frazer* (2011)  
PG *Philosophical grammar* (1974a)  
PPF *Philosophy of psychology: A fragment* (2009a)  
PR *Philosophical remarks* (Wittgenstein, 1975)  
RFM *Remarks on the foundations of mathematics* (1978)  
RPP I *Remarks on the philosophy of psychology* I (1980a)  
RPP II *Remarks on the philosophy of psychology* II (1980b)  
TLP *Tractatus Logico-Philosophicus* (2001b)  
TS *Datiloscritos do Nachlass* (2000)  
VW *The voices of Wittgenstein. The Vienna Circle* (2003)  
Z *Zettel* (1981)

## APRESENTAÇÃO

Parece-me bastante difícil tentar definir o que seria um “texto” um pouco mais precisamente do que “um certo conjunto organizado de palavras fixadas por escrito”. Mesmo esta ainda vaga definição poderia ser perfeitamente contestada por quem também costuma chamar por esse nome um proferimento discursivo não necessariamente fixado por escrito; por exemplo, o discurso de improvisado de um político tal como descrito por um ouvinte casual ou por um jornalista; uma parte da fala de um ator de teatro, ouvida pela plateia; uma parte que alguém destaca de uma conversação entre duas pessoas para examiná-la posteriormente ou para utilizar como prova num julgamento etc. Há também aqueles que presumem que não se pode reduzir um texto exclusivamente a seu suporte material, deixando de lado os gestos, as entonações, os silêncios ou o lugar que ocupa num dado contexto que porventura o acompanhe. Dadas todas essas complicações para se definir o que é um texto, abduco do privilégio das definições prévias e mais precisas, e dou-me por satisfeito simplesmente pelo fato de que não se pode negar que este ensaio trata de um texto.

Este ensaio trata de um texto como interpretação filosófica de um clássico da própria filosofia. Talvez por isso tampouco se pode

negar que, de certo modo, ele também seja uma forma de filosofia do texto. Seria desejável então que se partisse de uma tipologia do texto, ou que, pelo menos, se chegasse a ela, como um resultado que coroasse o esforço prometido no título a respeito de texto e fisionomia.

Lamento também não chegar nem à tipologia, nem ao trabalho de filosofia do texto propriamente dito. Quanto à tipologia, ainda me intriga o que seria o estilo de álbum apresentado por Wittgenstein como obra filosófica e como gênero literário, e quanto à filosofia apenas posso, com sorte, ter dado uma pequena contribuição.

O trabalho aqui exposto trata exclusivamente da forma das *Investigações filosóficas* de Wittgenstein (doravante, IF) e defende a ideia de que a consideração de sua singularidade formal, tanto na filosofia quanto, talvez até, na literatura, é crucialmente importante para a compreensão da obra. Do contrário, um fenômeno bastante comum em relação a ela poderá se repetir mais uma vez: ela não será plenamente compreendida.

Entretanto, não quero dizer aqui que as IF nunca foram compreendidas ou que teriam sido muito pouco compreendidas. Não é nada disso. O foco deste ensaio converge, em vez disso, para um campo colateral e correlacionado ao da compreensão do conteúdo do que ali vem escrito. O que parece ser surpreendente nessa obra, em particular, é a dificuldade de compreensão da finalidade do texto, do que ele pretende fazer com o leitor, isto é, de seu ato perlocucionário como escrita de um determinado autor, e de quem seria exatamente *esse* autor que inegavelmente escreveu em linguagem coloquial sobre problemas perfeitamente compreensíveis da filosofia tradicional. Há como que uma cegueira para o aspecto quando se trata dos textos de Wittgenstein. E seus textos têm, fundamentalmente, esse caráter performativo que seria mandatário reconhecer para o leitor ideal que o autor

concebeu. O que faz com que o fenômeno pelo qual me interesse seja similar ao de quem ouve um dito espirituoso, entende perfeitamente o que foi dito, mas não percebe sua graça. O problema não é o de explicar a graça do dito espirituoso, o que também não tem graça nenhuma. Por isso, o propósito deste trabalho não é o de fornecer uma chave de leitura, alguma coisa que sirva como prolegômenos indispensáveis a garantir o acesso universal à obra, mas o de traçar para o leitor uma fisionomia que lhe permita realizar seu próprio encontro com o texto. Estou convencido de que o problema da incompreensão, nesse caso particular da forma ou de seu aspecto, não é intelectual. E a prova disso é que tal chave de leitura só pode ser recolhida na própria obra do autor. Parece-me que Wittgenstein propositalmente escondeu essa chave na forma de seu texto, como veremos no capítulo 7. Ela não pode ser dada por ninguém mais senão pela ação do próprio texto no leitor. O que posso fazer, portanto, é dar uma contribuição modesta para a sua procura, que tem a ver com o reconhecimento de uma expressão, ou de uma fisionomia, como veremos, assim como também tentar pensar um pouco melhor a respeito de um tema recorrente em Wittgenstein: por que seria esse autor tão pouco compreendido quanto aos seus propósitos.

Esse fato parece ser relevante quando constatamos que é possível contar, como veremos no capítulo 8, pelo menos seis Wittgensteins diferentes, todos corretamente extraídos de seus escritos. O que ocorre, então, com o olhar de vários autores da literatura secundária? O que essa multiplicidade inconciliável de Wittgensteins produzidos ao longo de mais de 60 anos tem a ver com a singularidade do texto das IF? Como é que alguns equívocos e acertos poderiam nos ajudar a encontrar essa chave?

Tais são, em breves palavras, os objetivos deste ensaio.

Na introdução, a seguir, explico detalhadamente o plano do ensaio, o papel de cada capítulo, e como será o leitor conduzido

até o que me parece ser o mais relevante, do ponto de vista filosófico, como preparo para o texto das IF, que é o conceito de estilo, pelo qual se pode reconhecer a individuação de um trabalho, a sua expressão, e a visão de aspecto apresentada por sua fisionomia.

Gostaria de deixar registrado que os resultados deste ensaio devem-se a uma investigação financiada por uma bolsa de auxílio regular à pesquisa sobre “Estilo e forma nas *Investigações filosóficas*” que recebi da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) durante os anos de 2011 e 2012. Esse importante incentivo permitiu o desenvolvimento da maior parte das ideias que apresento aqui. Muitas dessas ideias discuti, em várias ocasiões diferentes, com minha companheira, Filomena Sandalo, a quem também agradeço a paciência que uma linguista formal deve ter ao permitir-se entrar no resvalado campo da filosofia, e ouvir e tratar com propriedade tudo que se lhe propõe. Marcelo Moreschi e Yuri Zacra, pesquisadores de teoria literária, também tiveram parte ativa nas discussões que me trouxeram a uma boa quantidade de contribuições interessantes, sobretudo na área da estética da expressão escrita. Uma viagem a Lisboa e algumas breves discussões que apresentei a Nuno Venturinha e a alguns estudantes da Universidade Nova de Lisboa também têm parte importante neste trabalho. Sobre Venturinha, em particular, já muito admirava um texto seu de 2010 que por acaso encontrei numa livraria de Cambridge, Massachusetts, antes mesmo de conhecê-lo pessoalmente. Desse artigo retomo certas discussões sobre o inacabamento das IF, tal como elaboro no capítulo 6. Finalmente, outra feliz coincidência que muito contribuiu para este trabalho foi uma profícua discussão mantida por *e-mail* que pude realizar com James Klagge, da *Virginia Tech*, a respeito de um artigo que ele estava por publicar, denominado “Wittgenstein, Frazer, and temperament”, e cujas ideias também ele, muito

gentilmente, compartilhou comigo e com alguns outros autores, como ele, tradutores e pesquisadores de Wittgenstein. Todo esse conjunto de felizes e coincidentes encontros foi muito importante para o amadurecimento das ideias que estão espalhadas ao longo deste ensaio.

Outro pesquisador português merece, na verdade, uma menção especial, porque a essência das ideias aqui utilizadas foi tratada originalmente por ele. Trata-se de António Marques, da mesma Universidade Nova de Lisboa, e de seu livro sobre *O interior* (2012). Esse texto veio ao encontro de muita coisa que havia pensado até então sobre o estilo de Wittgenstein, mas acabou por me esclarecer sobremaneira a questão.

Os pesquisadores Arley Moreno, antigo aluno de Gilles-Gaston Granger, e Sírio Possenti discutem em seus livros a filosofia do estilo, cada um deles em função de seus interesses próprios de investigação. Evidentemente, faço também das ideias desses pesquisadores um uso próprio, em função dos objetivos deste meu ensaio. Não obstante, quero deixar claras, na medida em que ainda for capaz de dar conta disso, as minhas primeiras fontes de inspiração.

Agradeço à Universidade Estadual de Campinas que, como sempre, proporciona a seus professores e alunos o ambiente mais favorável possível à independência e ao pleno desenvolvimento da pesquisa.

Sem essas amplas e casuais conexões provavelmente não haveria como juntar tantos pedaços de pensamentos esparsos que me chegaram de tantos lados diferentes, e tentar alinhar algum sentido possível para o conjunto de escritos de Wittgenstein que cerca e circunscreve, mediante ligações orgânicas, o objeto principal do meu trabalho, as *Investigações filosóficas*.



## INTRODUÇÃO

“Have you guessed the riddle yet?” the Hatter said, turning to Alice again.

“No, I give it up,” Alice replied. “What’s the answer?”

“I haven’t the slightest idea,” said the Hatter.

“Nor I,” said the March Hare.

Alice sighed wearily. “I think you might do something better with the time,” she said, “than wasting it in asking riddles that have no answers.”

(Lewis Carroll, *Alice’s adventures in wonderland*)

Alguns comentadores – como, por exemplo, Pitcher, 1986; Gray, 1995; e May, 2007 – já notaram eloquentes semelhanças entre o estilo de Wittgenstein e o de Lewis Carroll. No entanto, o que a palavra “estilo” talvez pretenda retratar em tais artigos seja a semelhança entre os dois autores no tipo de envolvimento ou de jogo que eles entretêm com seus leitores. Carroll e Wittgenstein conduzem o leitor a situações ou circunstâncias limítrofes em que se nota que há uma linha tênue de separação entre o sentido e sua ausência. O leitor experimenta seguidamente conjunturas em que fica totalmente privado da compreensão. E, com isso, termina-se por aprender que aquilo que faz pleno sentido poderia ser, por outro lado, visto de outra forma.

O Chapeleiro Louco pergunta, por exemplo, a Alice, no capítulo VII de *As aventuras de Alice no país das maravilhas*: “Por que um corvo é como uma escrivainha?”

A pergunta do Chapeleiro Louco não tem que ter, naturalmente, qualquer sentido, mas Alice se precipita em achar algum, porque provavelmente imagina que estaria sendo proposto, com aquela questão, algum tipo de jogo de charadas entre os convivas à mesa de chá. O que poderia, talvez, querer sugerir que nem sempre o significado das palavras depende exclusivamente de sua

forma lógica, mas também da nossa atitude em relação a elas. O ponto é que todos os acontecimentos que se seguem depois se desencadeiam da atitude de Alice. Ela se anima a encontrar uma resposta para o que supõe ser um jogo de adivinhações:

“Acho que posso adivinhar essa”, ela diz prontamente. Mas a Lebre de Março, então, lhe dirige mais uma pergunta intrigante: “Você quer dizer que acha que pode encontrar uma resposta para isso?”, ao que ela responde: “Isso mesmo”, novamente, é claro, se precipitando na primeira resposta que encontra. Então a Lebre de Março lhe diz: “Você deveria dizer o que quer dizer”, desafiando-a, talvez, a dizer o que quer dizer “querer dizer” (*Then you should say what you mean*). Mas, com a nova questão, desvia-se um pouco o foco da capacidade que Alice teria de resolver o enigma para a questão do significado de “significado” ou de “querer dizer”.

Alice responde, já agora um pouco entre surpresa e confusa: “Eu digo. Pelo menos – pelo menos eu quero dizer o que digo – isto é a mesma coisa, você sabe”. E agora é também ela que embaralha todo o sentido da conversa com o sentido de “querer dizer”.

Ao longo de todo o capítulo, surgem vários tipos de diálogos estranhos, deslocados, e o sentido da conversa vai ficando cada vez mais complicado. Aparentemente, todas as ações subsequentes são desencadeadas pelos atos de Alice em resposta ao que se lhe propõe ou se lhe pergunta. Enquanto isso, Alice continua tentando encontrar uma resposta ao enigma do corvo e da escrivinha. Até o ponto em que ela se vê definitivamente confusa, e observa que, embora todos ali estivessem falando claramente em inglês, não havia nenhum traço de significado no que diziam. E o enigma inicialmente proposto não havia, tampouco, encontrado qualquer resposta.

Um detalhe curioso a respeito desse livro de Carroll é que muita gente realmente escreveu para o autor, tentando achar, no lugar de Alice, uma resposta à charada sobre o corvo e a escrivainha. Para responder a esses leitores mais voluntariosos, Carroll colocou no prefácio da nova edição do livro, publicada em 1896, dois anos antes de sua morte, uma tirada jocosa: “porque ele pode produzir umas poucas notas, mesmo que sejam *muito* chatas” (no original: “because it can produce a few notes, tho they are *very flat*”; note-se que a palavra *flat* é homônima para os significados de “chato” e de “bemol” em inglês). E o autor seguia, ainda na mesma frase, grafando de maneira errada a palavra em inglês para “nunca”, isto é, escrevendo *nevar* em vez de *never*: “[...] e ele nunca é posto de trás para a frente” (no original: “[...] and it is nevar put with the wrong end in front”). Esse erro pode ter sido involuntário, uma vez que a pronúncia enfática da palavra *never* pode soar para o falante de inglês como *nevar*. Por isso, os editores do livro corrigiram a grafia da palavra nas edições posteriores. Mas leitores mais obstinados, que perceberam a maneira como a palavra *never* foi registrada naquela antiga edição, continuaram a propor novas soluções para o enigma, mesmo depois da morte de Carroll. Alguns disseram que “Allan Poe escreveu sobre ambos”, porque se tornou possível depois desse fato especular que se poderia colocar o seu famoso poema “Raven” de trás para a frente, transformando-o em “nevar”.<sup>1</sup>

O fato é que, na realidade, poucos são capazes de não se sentir inquietos diante de uma ideia sem sentido, de alguma coisa que não se pode entender imediatamente e por completo. Sente-se urgência em resolver o problema, em escapar do incômodo causado pelo estado de suspensão, e uma pessoa pode se lançar na

---

<sup>1</sup> Cf. essas histórias na nota 5 do livro publicado por Martin Gardner (2000, pp. 71-73).

busca de uma solução qualquer, mesmo que não seja aquela mais plenamente satisfatória. Atos desse tipo, naturalmente, desencadeiam uma série de outras ações. Entretanto, a graça do enigma e de sua proposta é que não há resposta. A charada só consta da história de Carroll como forma possível do entretenimento de interrupção momentânea do sentido, que, afinal, dá o tom a todo o livro. Ler *Alice no país das maravilhas* significa, em princípio, abster-se de resolver enigmas sem sentido e participar da brincadeira sem interpor obstáculos.

É certo que Wittgenstein deixou claro também seu propósito pedagógico acerca do que não tem sentido, e esse propósito parece mais ou menos o mesmo de Carroll: “O que quero ensinar é: passar de uma insensatez (*Unsinn*) não óbvia para uma óbvia” (IF § 464). Em função dessa finalidade, centrada claramente sobre a possibilidade de enxergar a insensatez, o autor apresentou estranhas anedotas para ilustrar seus argumentos. Podemos lembrar, por exemplo, a do povo que desempenhava todo tipo de atividades regulares, mas não se podia estabelecer nenhuma conexão entre os sons que eles emitiam e as funções que realizavam; desse modo, não era possível dizer se eles tinham uma linguagem ou não, pois não saberíamos dizer tampouco se eles se comunicavam ou não (IF § 207). Outra dessas anedotas era a hipótese da mão direita que emprestava dinheiro para a mão esquerda, redigia para ela um recibo, e ela assinava (IF § 268). Imagens como a da pedra que tinha sensações (IF § 284), a poltrona que pensava consigo mesma (IF § 361), a pessoa que ia às compras com um bilhete escrito “cinco maçãs vermelhas”, e o comerciante reagia segundo cada palavra, uma em separado da outra, procurando em conjuntos organizados de amostras a que correspondia cada palavra escrita no bilhete (IF § 1). Todas essas histórias são também, como as de Carroll, um tanto quanto bizarras.